

**(X) Graduação ( ) Pós-Graduação**

**JORNADA FEMININA ACADÊMICA: O Caso De Estudantes Do Curso De  
Bacharelado Em Administração De Uma Instituição De Ensino Federal**

**Marcela Ingrid Mendes Souza**  
Instituto Federal de Minas Gerais – IFMG – *Campus Bambuí*  
marcelamzas@gmail.com

**Myriam Angélica Dornelas**  
Instituto Federal de Minas Gerais – IFMG – *Campus Bambuí*  
myriam.dornelas@ifmg.edu.br

**Rosemary Pereira Costa e Barbosa**  
Instituto Federal de Minas Gerais – IFMG – *Campus Bambuí*  
rose.costa@ifmg.edu.br

**RESUMO**

A mulher atual cuida dos filhos, da casa, trabalha fora e em alguns casos, estuda, o que é algo para se orgulhar, todavia, ser mãe pode ser uma barreira em sua vida acadêmica e profissional. O objetivo geral deste estudo foi analisar a percepção das estudantes do Curso de Bacharelado em Administração de uma instituição de ensino federal sobre como a maternidade afeta a vida acadêmica e profissional. Metodologicamente, foi realizada uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva pelo método do estudo de caso. Este estudo utilizou-se de dados secundários que consistiram na pesquisa bibliográfica desenvolvida para a construção do arcabouço teórico do presente estudo e os dados primários foram coletados mediante a aplicação de um questionário semiestruturado a 86 alunas do Curso de Administração de uma instituição de ensino federal. Nos resultados, a maioria das estudantes responderam que ter filhos dificulta a realização de atividades acadêmicas e profissionais, entretanto, as que já são mães responderam que é possível conciliar a jornada de maternidade com estudos e/ou trabalho. De fato, é possível conciliar a maternidade com as demais atividades, porém, para isso, são necessários alguns fatores que possam contribuir para a permanência dessas mães na vida acadêmica e profissional.

**Palavras-chave:** Maternidade. Academia. Mercado de trabalho.

## **1 INTRODUÇÃO**

Sempre ficou claro que o papel da mulher na sociedade era ser mãe, dona de casa e esposa, sendo que, durante muitos anos, foram educadas somente para cumprir seu papel corretamente. Há muitos filmes, séries, documentários e livros que relatam isso, onde a mulher não tinha o direito de estudar, trabalhar, sair, sem que seu marido permitisse, o que quase nunca acontecia. Somente a partir do desenvolvimento da economia que a mulher começa a ocupar um espaço que, até então, era destinado aos homens. A mulher moderna cuida dos filhos, da casa, trabalha fora e, em alguns casos, estuda, o que claramente é algo para se orgulhar. Todavia, ser mãe pode ser uma barreira em sua vida acadêmica, pois não é fácil conseguir conciliar todas as tarefas de filhos, casa e estudos. Segundo Aguiar *et al.* (2019), as renúncias são feitas cotidianamente, e, assim, acabam priorizando os serviços domésticos em detrimento dos estudos, fato que acarreta inúmeras consequências para seu desempenho e atuação acadêmica.

Diante do exposto, a discussão sobre a temática maternidade e vida acadêmica torna-se relevante. Neste sentido, a problemática do presente estudo consistiu em responder a seguinte questão norteadora: a maternidade afeta a vida acadêmica de estudantes do Curso de Bacharelado em Administração de uma instituição de ensino federal?

Este estudo se justifica pela atual relevância do tema, visto que, a cada dia, as mulheres estão cada vez mais em busca de ascensão pessoal e profissional da mulher através dos estudos, e para compreender a situação real da jornada de trabalho feminina, no caso específico de estudantes. O número de conquistas das mulheres está crescendo, e, comparado a antes, onde a mulher era educada para se tornar uma “boa esposa”, hoje, poder estudar em busca da sua independência, ascensão pessoal, entre outros motivos, é uma vitória. Robeck (2020) diz que o direito da proteção à maternidade é um dos, senão o mais, importantes conquistado pelas mulheres. Elas são a força reprodutiva da humanidade e necessitam ter garantias em torno de uma maternidade saudável. Sendo assim, a mulher deve ser livre para ter filhos sem perder seu direito de estudar. O objetivo geral foi analisar a percepção das estudantes do Curso de Bacharelado em Administração de uma instituição de ensino federal sobre como a maternidade afeta a vida acadêmica.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

A presente seção aborda o assunto sobre a mulher/mãe e o trabalho doméstico e vida acadêmica.

## 2.1 MULHER/MÃE E O TRABALHO DOMÉSTICO

A divisão de trabalho entre homens e mulheres é de origem histórica, cultural e religiosa. Como afirma Barreto (2016), a divisão desigual dos papéis entre os sexos é uma soma de diversos elementos que faziam com que as mulheres permanecessem reclusas à vida doméstica, tendo como única finalidade a procriação e o cuidado com os filhos. Aos homens, elas deviam obediência e respeito. A divisão dos papéis sociais entre homens e mulheres se fez mais evidente entre os séculos XVII e XIX. Com a ascensão do capitalismo, criou-se a divisão de tarefas. O homem era responsável por trazer o sustento do lar, trabalhando “fora”; e a mulher, incumbida de cuidar e educar os filhos e, ainda, pelas tarefas domésticas (SOUZA *et al.*, 2019). Segundo Joan Scott, em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica de 1995”:

Sem dúvida, está implícito que os arranjos sociais que exigem que os pais trabalhem e as mães executem a maioria das tarefas de criação das crianças estruturam a organização da família. Mas não estão claras a origem nem as razões pelas quais eles estão articulados em termos de uma divisão sexual do trabalho. Tampouco se discute a questão da desigualdade, por oposição à da assimetria (SCOTT, 1995, p. 81).

As diferenças entre as mulheres existem e se manifestam em um sistema hierarquizado, repleto de desigualdades (JULIÃO; DUTRA, 2020). Os mesmos autores ainda completam, em geral, que a divisão sexual do trabalho opera como uma divisão social que destaca a hierarquia do trabalho do homem sobre a mulher e a distinção entre o que é trabalho de homem e o que é trabalho da mulher. Dessa forma, além do contexto histórico, social e cultural de que a mulher é inferior ao homem, também há a separação do que é de homem e o que é de mulher.

Hirata (2002) afirma que, em oposição a essas tendências recentes no trabalho profissional feminino, as mudanças no trabalho doméstico são menores e muito mais lentas. Se o forte desenvolvimento das tecnologias domésticas tendeu a facilitar essas tarefas, a divisão sexual do trabalho doméstico e a atribuição deste último às mulheres, em realidade, continuaram intactas. A divisão sexual do trabalho tradicional reconhece que as atividades produtivas e as funções com maior valor social fazem parte de um espaço prioritariamente masculino, enquanto as atividades reprodutivas, ligadas à esfera doméstica e familiar, são predominantemente femininas. Assim, as responsabilidades domésticas e familiares são de responsabilidade das mulheres, e o papel de provedor é atribuído aos homens (HIRATA; KERGOAT, 2007; HIRATA, 2010; ENGLAND, 2010; *apud* GUIGINSKI, 2015).

Segundo Hirata (2011), do ponto de vista das transformações da divisão sexual do trabalho, pode-se dizer que tal processo é bastante importante, porque aponta para uma

diversidade muito grande de formas de trabalho no momento atual.

## 2.2 MULHER/MÃE E A VIDA ACADÊMICA

No atual contexto em que a universidade foi configurada, naquilo que se refere ao recebimento de mulheres nas condições de mães, esposas, donas de casa e trabalhadoras, é imprescindível pensar sobre os desafios que essas novas mulheres vêm enfrentando para ingressar, permanecer e atuar no espaço acadêmico, considerando os muitos encargos que vêm assumindo (AGUIAR *et al.*, 2019). Mas, mesmo assim, muitas são as mulheres que não desistem de conquistar seu diploma.

Segundo o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) de 2019, divulgado em outubro de 2020, 55% dos participantes foram mulheres (FERRARI, 2021). De acordo com Costa (2011), ao nível profissional, o investimento na carreira para obter maiores oportunidades de progressão e a promoção sociocultural representam algumas das razões mais significativas do investimento destas mulheres num grau acadêmico superior. De acordo com um estudo realizado por Silva (2018, p. 7):

O estudo constatou que, do ponto de vista do cômputo geral de servidores, a situação se mantém favorável às mulheres, com média de 8,5% superior à participação do gênero masculino. Todavia, o estudo apontou que os homens, na área da docência, assumem mais cargos de gestão que as docentes do gênero feminino, incluindo as posições mais altas na hierarquia e, por conseguinte, recebem valores mais altos relativas à gratificação pelos cargos ocupados, bem como ascendem aos cargos em menor tempo que as mulheres. Este estudo de gênero mostrou que as mulheres, de um modo geral, ainda que presentes em número crescente, não se distribuem de modo uniforme pelos diferentes cargos para gerir a UFPE.

A conciliação entre a vida profissional, escolar e pessoal/familiar é, em muitos casos, insustentável, existindo, por isso, uma ruptura na vida acadêmica dos trabalhadores (COSTA, 2011). Segundo Reis (2020, p. 63):

A dimensão do tempo está aí marcada não apenas pela divisão do dia para a realização de atividades, que pode ser marcado pelo conflito da sobreposição de afazeres que se coincidem, mas também reflete no próprio corpo que sente, já que a demanda de serviço doméstico, de cuidado com o filho e do trabalho remunerado também impacta no modo como esse sujeito relaciona-se com um exercício de estudo, de atividade intelectual.

Algumas mulheres veem os estudos como importante para sua vida profissional, outras consideram o trabalho como uma fonte de renda, tendo, dessa forma, maior importância que os estudos. Como a existência das classes economicamente menos favorecidas está diretamente ligada à venda da sua força de trabalho, este se configura como uma obrigação, um dever-ser

inegociável, que se sobrepõe, inclusive, à formação profissional, o que ampliaria as possibilidades de conquistar melhor cargo no serviço remunerado (REIS, 2020). Cruz (2004) *apud* Costa (2011) acrescenta que as mulheres trabalhadoras revelam percursos escolares marcados pelo absenteísmo e insucesso, existindo uma ruptura precoce com a escola face à necessidade de ingresso no mercado de trabalho como fonte de sustento. Um estudo realizado por Brito (2021, p. 1) mostrou que:

Os estudantes de Medicina com filhos, apesar de relatarem limitação na capacidade de associar os afazeres e as responsabilidades pessoais e acadêmicas, não se arrependem das suas escolhas e têm orgulho de exercer a dupla função. Além disso, eles apresentam rendimento acadêmico semelhante ao de estudantes sem filhos, apesar de acreditarem que as obrigações da maternidade/paternidade comprometem o seu rendimento acadêmico. Destacam-se a essencialidade da rede de apoio para realização das atividades acadêmicas e a uniformidade dessas percepções entre variáveis como sexo, estado civil e ciclo acadêmico.

Os resultados de um estudo realizado por Gomes (2020) trazem uma nova perspectiva sobre a vivência da maternidade no contexto acadêmico, demonstrando que a busca por estratégias para permanência universitária faz-se necessária, pois a universidade ainda se posiciona de forma apática frente às adversidades enfrentadas por esse público. Segundo estudo, apesar das assistências estudantis acessadas pelas estudantes, existiu a carência de políticas capazes de dar conta das necessidades específicas surgidas com a maternidade (SAALFELD, 2019). Um estudo realizado por Barros *et al.*, 2021, p. 1):

Demonstra lacunas no apoio oferecido pelas instituições de ensino superior às mães universitárias, como a ausência de locais adequados para amamentação e ordenha, horários de atividades acadêmicas inflexíveis, dificultando a conciliação do aleitamento materno com atividades curriculares, pouca recepção de colegas e professores, além de questões socioculturais que dificultam a trajetória acadêmica das mães estudantes.

Segundo estudo de Olinto (2012, p. 75):

Políticas e programas de governo em vários níveis, assim como políticas e programas de instituições de ensino e pesquisa visando à redução da segregação horizontal da mulher, podem se inspirar nos resultados das pesquisas sobre diferenças de gênero para promover mudanças que levem à redução da segregação vertical da mulher, incentivando uma participação mais igualitária dos gêneros na universidade e no exercício da atividade científica.

A pesquisa de Silva (2019) evidencia que os espaços privados e públicos são considerados hostis para as mulheres; dentre eles, a própria universidade. Contudo, este último apresenta potencial para o aprofundamento dos debates e o enfrentamento da violência contra a mulher. Segundo um estudo realizado por Dedecca (2009), os resultados do ensaio indicam a necessidade de políticas públicas capazes de construir instrumentos de proteção às mulheres e

que considerem a diferenciação social relacionada ao tipo de inserção no mercado.

### 2.3 JORNADA FEMININA E A MULTIPLICIDADE DE PAPÉIS

Segundo uma pesquisa realizada por França e Schimansk (2009), as mulheres, hoje, encontram-se divididas entre os velhos e os novos valores. Ao mesmo tempo em que são incentivadas a terem uma profissão, cobra-se delas a responsabilidade sobre os cuidados com os filhos. Um estudo efetuado por Oliveira e Traesel (2008) constatou que papéis modernos e antigos coabitam e que as demandas culturais contemporâneas à mulher se tornam cada vez mais complexas, com fortes impactos sobre sua subjetividade. Segundo uma pesquisa realizada por Martins (2021), mesmo com o progresso da mulher e seu empoderamento, existem desafios a serem enfrentados por esse grupo, que se fortalece, é consciente de suas fragilidades e que se compromete ao posicionamento de empoderamento frente aos obstáculos (MARTINS, 2021).

Segundo Batoni *et al.* (2021), quando focamos na questão da dupla jornada, percebemos, sem dificuldade, que se trata de um fenômeno vinculado à persistência das aspirações femininas de conjugalidade e maternidade, as quais se somam às novas buscas por participação no mundo laboral e obtenção de independência financeira. A sobrecarga pode aumentar quando as mulheres seguem a vida acadêmica, o que configura a tripla jornada, e acoplam à rotina mais uma difícil tarefa, que exige dedicação, concentração e uma grande habilidade em conciliar esses três segmentos (COSTA, 2018). Segundo Marques (2021, p.59),

um indivíduo que estuda, trabalha e tem uma família de quem cuida concilia as três jornadas à custa do seu bem-estar pessoal nomeadamente com a redução do seu tempo para cuidado próprio e dedicado às atividades que lhe dão prazer, fato que pode influenciar o seu bem-estar emocional e psicológico, fundamental para a execução das restantes jornadas. Assim sendo devem-se considerar quatro dimensões na vida destas pessoas, ao invés das três apresentadas até ao momento.

Uma pesquisa realizada por Dedecca (2009) explicita que mulheres em ocupações menos estáveis, de menor qualificação, menor renda e com filhos mais jovens tendem a ter jornadas totais mais longas quando comparadas às dos homens em situação ocupacional e familiar semelhante e às das mulheres com ocupações mais qualificadas, de mais alta renda e também com filhos jovens. Em seu estudo, Salgado (2019, p. 312) fala que:

A mulher, mesmo assumindo o desafio de ser provedora do lar, ainda traz consigo resquícios de toda essa cultura machista onde foi e é criada, pois, ainda que independente, na grande maioria das vezes, não abre mão da obrigação de ser mãe e vivenciar a maternidade, em muitos casos não como uma obrigação e sim como a realização de um sonho, mas em outras situações acontece ainda por enfrentar a imposição da sociedade, que até aceita parcialmente sua independência profissional e

financeira, desde de que não se abdique a maternidade. Sendo assim, a mulher se coloca diante uma múltipla e intensa jornada (mãe, estudante, trabalhadora, dona de casa...). Administrar essa “múltipla jornada” com a exigência de ser bem-sucedida em todas as atribuições, não é tarefa fácil.

Segundo Reyes (2019), os resultados de sua pesquisa revelam diversas realidades na relação que a mulher estabelece com a família, por exemplo, a naturalização de que o lugar da mulher é na casa, cuidando dos filhos e do cônjuge. De acordo com uma pesquisa realizada por Silva (2014, p. 17):

As mulheres entrevistadas evidenciam, em seus relatos, suas responsabilidades e deveres, ora ao trabalho, ora aos estudos, ora aos filhos e ao marido, sem deixar de se questionar sobre as prioridades, e isso gera muitas vezes angústia. Segundo os relatos, as atividades domésticas e cuidados com os filhos ainda não são compartilhados de forma igualitária entre homens e mulheres, ficando elas com boa parte dessa rotina. Contudo, se torna visível que, quando há o envolvimento do cônjuge nessas tarefas, a mulher sente-se insegura, pois ainda tem a percepção que esse papel deveria ser seu, um papel no qual ela não pode falhar.

Um estudo realizado por Salgado (2019) com mães, trabalhadoras e estudantes, mostrou que, apesar do conceito qualidade de vida ser externamente subjetivo e internamente particular, nenhuma das entrevistadas encontram-se acima de 67,4% de boa qualidade de vida, considerando-se que, quanto mais próximo de 100%, maior satisfação. O tempo foi apontado e afirmado como um fator objetivo que impede maior envolvimento das estudantes com sua área de formação, tendo em vista a carga de trabalho diária e a condição de um curso noturno (RASCHE, 1998).

Devido ao atual cenário em relação à maternidade e à vida acadêmica, achou-se necessária e importante a efetivação de uma pesquisa sobre a relação da vida acadêmica com estudantes de uma instituição federal. A próxima seção apresenta como a pesquisa foi desenvolvida.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A presente seção aborda como este estudo foi desenvolvido, especificamente descrevendo o tipo de pesquisa realizada e como se deu a coleta, o tratamento e a análise dos dados.

#### **4.1 TIPO DE PESQUISA**

O tipo de pesquisa escolhido foi a pesquisa qualitativa, devido ao fato de que, segundo Taquette e Borges (2020), a pesquisa qualitativa pretende descrever realidades múltiplas,

compreender e buscar significados para questões visíveis e invisíveis. As autoras ainda completam que, na pesquisa qualitativa, não se busca estudar o fenômeno em si na vida das pessoas, mas entender o significado atribuído a ele pelas pessoas, tanto no nível individual quanto coletivo. A pesquisa qualitativa, por definição, é descritiva; portanto, os dados não são reduzidos a variáveis, mas geram temas que são observados e explorados como um todo (CYRIACO, 2017). O presente estudo é de natureza descritiva, segundo Manzato e Santos (2012) o estudo descritivo observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Procura descobrir, com precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características.

A pesquisa bibliográfica foi usada para construção do arcabouço teórico. Raymundo (2020) diz que a pesquisa bibliográfica é a base de qualquer trabalho científico, e ainda completa que essa etapa serve para reunir o conhecimento teórico já disponível sobre o assunto pesquisado. As fontes para a construção da pesquisa bibliográfica foram revistas especializadas no tema, como artigos de Julião e Dutra (2020); trabalhos como o de Robeck (2020), Souza *et al.* (2019) e pesquisas do IBGE; dissertações e teses, como de Guiginski (2015). Além disso, utilizaram-se artigos e livros de Hirata (2002; 2005; 2007; 2010; 2011), filósofa brasileira especialista em sociologia do trabalho e do gênero, e de Scott (1995), historiadora que estuda a história das mulheres a partir da perspectiva de gênero.

Além disso, o referencial teórico buscou apresentar resultados de outros estudos e pesquisas sobre a mulher/mãe e sua conciliação com a vida acadêmica, como dos autores Brito (2021), Gomes (2020), Saalfeld (2019), Barros *et al.* (2021), Silva (2018), Dedecca (2009), Olinto (2012), Silva (2019), França e Schimansk (2009), Oliveira e Traesel (2008), Martins (2021), Salgado (2019), Reyes (2019) e Silva (2014).

Este estudo também se caracteriza como um estudo de caso, visto que analisou especificamente a opinião das mulheres sobre a maternidade e a vida acadêmica de estudantes do Curso de Bacharelado em Administração de uma instituição de ensino federal. Segundo Manzato e Santos (2012), um estudo de caso é uma pesquisa sobre determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade que seja representativo do seu universo, para examinar aspectos variados de sua vida.

#### 4.2 COLETA, TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Para a obtenção dos dados, foi utilizado um questionário semiestruturado composto por questões fechadas (1) e abertas (10), totalizando em 11 questões. O questionário foi dividido



em 2 blocos, sendo apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, contendo as informações sobre a pesquisa e solicitando a concordância em participação no estudo, antes do primeiro bloco que tratou sobre as questões acerca da caracterização destas estudantes, com informações a respeito de: idade, se tem filhos e quantos, e qual período está cursando. O segundo bloco tratou de questões sobre a vida acadêmica.

Foi realizado um pré-teste do questionário. O teste-piloto foi efetuado com a aplicação do questionário a 4 alunas de cursos superiores, sendo duas mães e duas estudantes que não têm filhos. Nessa aplicação, foi perguntado o tempo gasto, para se fazer uma média e colocar no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e também para verificação sobre o entendimento de todas as questões ou quaisquer dúvidas no preenchimento do questionário.

O banco de dados utilizado foi fornecido pela Secretaria de Cursos Superiores da instituição pesquisada, que possui todos os *e-mails* das alunas matriculadas no curso de Administração, totalizando 100. A princípio, o intuito era entrevistar somente as mães alunas da instituição pesquisada que exerciam atividades acadêmicas e profissionais. Porém, como o número era pequeno e de difícil acesso, optou-se por entrevistar todas matriculadas no curso de Administração, como censo. Segundo o IBGE (2003, p.10), a palavra censo vem do latim *census* e quer dizer "conjunto dos dados estatísticos dos habitantes de uma cidade, província, estado, nação". Censo, em suma, é definido como a aferição de características específicas de um universo de objetos físicos e sociais, verificadas em todas as unidades ou elementos que compõem tal universo ou população, termos mais usuais em Estatística (SASS, 2012, p. 133).

O questionário foi criado no *Google Forms*. Em seguida, foi gerado um *link* para acesso ao instrumento de coleta de dados. O *link* do questionário foi enviado por e-mail às estudantes matriculadas no Curso de Administração no dia 17/12/2021. Foram enviadas novas mensagens de *e-mail* nos dias 17, 20 e 25 do mesmo mês. Além disso, o *link* do questionário também foi disponibilizado nos grupos de WhatsApp das turmas do curso. O questionário ficou aberto para respostas do dia 17 de dezembro de 2021 a 27 de janeiro de 2022, totalizando em 41 dias. Obtiveram-se 86 respondentes, que representaram 86% da população total de alunas matriculadas do Curso.

O fechamento da coleta de dados qualitativos não ocorre por representatividade estatística, mas decorre de quando a amostra contém uma representação de explicações que proporcionam o entendimento da questão em estudo (CYRIACO, 2017). O próprio *Google Forms* gerou uma planilha com as respostas obtidas, além de gráficos com a frequência obtida para cada questão. A análise de dados se deu por meio da técnica da análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011), que se configura como um conjunto de técnicas de análise das

comunicações que faz uso de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

#### 4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O total de respondentes foi de 86 estudantes mulheres, sendo que, em relação aos filhos, 84,9% (73) disseram que não têm filhos, e 15,1% (13) responderam que são mães, como mostra a Figura 1. De 15,1% de estudantes que têm filhos, 46,2% possuem 2 filhos, e 53,8%, um filho. Não se verificou estudantes mães com mais de dois filhos.

**Figura 1: Se tem filhos**



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Desse modo, nota-se uma tendência de cada vez mais as mulheres modernas terem menos filhos do que as mulheres de antigamente.

Sobre a idade das alunas respondentes, 69,8% têm de 19 a 25 anos; 23,3%, de 26 a 32 anos; 3,5%, até 18 anos; 2,3%, acima de 40 anos; e 1,2%, de 33 a 40 anos.

**Tabela 1: Idade das respondentes**

Idade	Estudantes (%)	Mães	Estudantes sem filhos (%)	Todas as estudantes (%)
Até 18 anos	0		4,1	3,5
De 19 a 25 anos	15,4		79,5	69,8
De 26 a 32 anos	69,2	15		23,3
De 33 a 40 anos	7,7	0		1,2
Acima de 40 anos	7,7	1,4		2,3

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Notou-se que a maioria das respondentes estão com idade de 19 a 25 anos; porém, quando se trata das que são mães, mais da metade têm de 26 a 32 anos. Esse fato pode ser completado pelo estudo realizado por Guedes *et al.* (2020), onde se apresenta o desejo cada vez

mais tardio, ou mesmo inexistente, da maternidade por parte das mulheres, pois, na perspectiva atual destas, é mais interessante a busca por sua independência econômica e social para, posteriormente, pensar em filhos, sendo estes encarados nesse novo contexto temporal como um relativo obstáculo à sua independência.

Foi questionado o período cursado pelas respondentes, e 45,3% estão cursando o 8º período; 15,1%, o 6º; 15,1% estão cursando o 2º período; 10,5%, o 4º; 7%, o 5º período; 3,5% estão no 7º período; 2,3%, o 3º período; e 1,2º estão cursando o 1º período.

**Tabela 2: Período cursado**

Período	Estudantes Mães (%)	Estudantes sem filhos (%)	Todas as estudantes (%)
1º período	0	1,4	1,2
2º período	23,1	13,7	15,1
3º período	0	2,8	2,3
4º período	0	12,3	10,5
5º período	7,7	6,8	7
6º período	7,7	16,4	15,1
7º período	7,7	2,8	3,5
8º período	53,8	43,8	45,3

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A maioria das respondentes está no 8º período. Em relação às mães, a maior parte já está no final do curso; entretanto, também há mães nos segundo, quinto, sexto e sétimo períodos.

Quando perguntado por que escolheram o curso de Administração, 65,1% responderam que foi por identificação pessoal; 14%, por influência familiar ou de amigos; 8,1%, buscando ascensão social e econômica; 4,7% informaram que foi por insatisfação com a primeira graduação; e 3,5%, como forma de reconversão profissional (Tabela 3).

**Tabela 3: Motivo da escolha do curso**

Motivo	Estudantes Mães (%)	Estudantes sem filhos (%)	Todas as estudantes (%)
Identificação pessoal	53,8	67,1	65,1
Influência de familiar e amigos	0	16,4	14
Ascensão social e econômica	30,8	4,1	8,1
Insatisfação com a primeira graduação	0	5,5	4,7
Reconversão profissional (Mudança de carreira)	15,4	0	3,5
Outros	0	6,9	4,8

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Mais da metade das respondentes afirmaram que escolheram o curso por identificação pessoal, e o mesmo se repetiu com estudantes mães e com as que não são mães. Notou-se, também, que as opções “ascensão social e econômica” e “reconversão profissional” foram mais

assinaladas por mães, ao passo que nenhuma estudante sem filho mencionou a reconversão profissional. Segundo Ribeiro (2017) *apud* Gomes (2020), a universidade, por sua vez, tem papel poderoso e de extrema importância no percurso da busca pela ascensão pessoal e profissional da mulher, tornando-se um suporte para alcance deste objetivo. Loureiro (2012), em seu estudo, concluiu que fica evidente que o grau de qualificação dessas mulheres tem relação com a sua ascensão a cargos executivos. Percebe-se que a educação superior aparece como um meio de adquirir independência, subsistência, autodesenvolvimento, ascensão social e, além disso, a busca de reconhecimento social (LAZARI, 1993 *apud* RASCHE, 1998).

Vale ressaltar que apenas abrir as portas da educação superior para as mulheres, sem a preocupação sobre as condições de permanência, não é o bastante para assegurar igualdade de oportunidades para a carreira daquelas que se tornam mães (GOMES, 2020). Dentre as outras respostas sobre o motivo da escolha do curso, as estudantes, no caso, sem filhos, elencaram os motivos: “pela variedade de oportunidades de segmento”, “oportunidade que surgiu no momento” e “comodidade”.

Sobre reprovação nas disciplinas, 61,6% responderam que já reprovaram, e 38,4%, que não (Tabela 4). Pode-se perceber que não houve uma relação entre ser mãe ou não para a reprovação, visto que a maioria de mães e estudantes sem filhos já reprovaram em alguma disciplina.

**Tabela 4: Reprovação nas disciplinas**

Reprovação	Estudantes Mães (%)	Estudantes sem filhos (%)	Todas as estudantes (%)
Sim	69,2	60,3	61,6
Não	30,8	39,7	38,4

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Os dados mostram que, no caso das estudantes pesquisadas, não há uma relação direta entre ser mãe e reprovação. Em outras palavras, ser mãe não tem sido um obstáculo que define ou não a sua aprovação. Isso significa que essas mães estão conseguindo desempenhar o seu papel, bem como continuar a sua jornada acadêmica com qualidade, e apesar de terem uma sobrecarga maior, são mais persistentes. Isso pode ser explicado por alguns motivos, por exemplo: já que despendem um tempo para os estudos, elas tentam se dedicar para aproveitar o tempo; querem uma formação para conseguirem uma remuneração melhor para poder cuidar melhor dos filhos futuramente.

Foi questionado às estudantes que já reprovaram em quantas disciplinas isso ocorreu; destas, 16,7% responderam que foi em 1 matéria, 16,7%, em 2 matérias; 15,1%, em 4 matérias;

11,3%, em 6 matérias; 9,4%, em 3 matérias; 3,8%, em 5, 7, 8, 9 e 10 matérias; e 11,3% não se recordam.

**Tabela 5: Quantidade de disciplinas já reprovadas**

Número de disciplinas	Estudantes Mães (%)	Estudantes sem filhos (%)	Todas as estudantes (%)
1	7,7	11	16,7
2	7,7	11	16,7
3	15,3	4,1	9,4
4	0	11	15,1
5	7,7	1,4	3,8
6	0	8,2	11,3
7	0	2,7	3,8
8	7,7	1,4	3,8
9	7,7	1,4	3,8
10	7,7	1,4	3,8
Não se recorda	7,7	5,5	11,3

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Em relação à reprovação, a porcentagem de estudantes que já reprovaram que são mães e que não são tem uma diferença de apenas 9,2%. Sobre a quantidade de matérias, pode-se perceber que as estudantes mães reprovaram mais em 3, 5, 8, 9 ou 10, do que estudantes que não têm filhos. Ou seja, há estudantes que não são mães e reprovaram em 4, 6, 7 matérias, o que é um número elevado. Isso pode ser explicado pelo estudo de Brito *et al.* (2021), onde os alunos entrevistados (pais e mães) apresentaram rendimento acadêmico semelhante ao de estudantes sem filhos, apesar de acreditarem que as obrigações da maternidade/paternidade comprometem o seu rendimento acadêmico.

O maior motivo elencado pelas estudantes a respeito das reprovações foi a falta de tempo para conciliar os estudos com trabalho, com 63,5%; seguido por falta de motivação, com 28,8%; 3,8%, falta de motivação provocada por doença; 1,9%, falta de disciplina; e 1,9%, dificuldades em lidar com o professor. Dessa forma, tal resultado denota que, no caso da maioria das pesquisadas, o tempo é o fator “limitador/dificultador” quando se refere à execução da multiplicidade de papéis destinados às mulheres. Silva (2018) confirma que, se excluído o tempo do serviço remunerado, não sobram para a mulher, necessariamente, momentos para que possa se dedicar a outras atividades, como é o caso dos estudos.

Sobre o trancamento de disciplinas e semestres, 86% responderam que não trancaram, e 14%, sim (Tabela 6).

**Tabela 6: Trancamento de disciplinas ou semestre**

Trancamento	Estudantes Mães (%)	Estudantes sem filhos (%)	Todas as estudantes (%)
Sim	23,1	58,9	14
Não	76,1	41,1	86

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Estudantes sem filhos realizaram maior trancamento de disciplinas ou semestres que estudantes com filhos. Voltando a citar o estudo de Brito *et al.* (2021), os dados apontam para um rendimento acadêmico de mães e pais similar ao de estudantes sem filhos.

Quando questionados os motivos dos trancamentos nas disciplinas, tanto as estudantes sem filhos quanto as mães alegaram sobrecarga, falta de tempo, desmotivação, cansaço e doença. Referente às mães, essa sobrecarga resulta em poucas horas de sono, alimentação inadequada, ansiedade, pouco tempo para dar atenção e cuidado a uma criança que está em fase de desenvolvimento, podendo, também, resultar em notas baixas, reprovações, desistências e jubilações (GOMES, 2020).

Quando questionadas se já pensaram em desistir do curso, 53,5% responderam que sim, e 46,5%, não. Este dado pode ser alarmante do ponto de vista da gestão do curso, pois, se a decisão for tomada pelas estudantes, ocasionará uma evasão elevada no curso estudado (Tabela 7).

**Tabela 7: Pensamento em desistir do curso**

Pensamento sobre desistência do curso	Estudantes Mães (%)	Estudantes sem filhos (%)	Todas as estudantes (%)
Sim	23,1	58,9	53,5
Não	76,9	41,1	46,5

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A maioria das estudantes já pensou em desistir do curso; todavia, os resultados são diferentes entre mães e estudantes sem filhos, onde aquelas sem filhos, em sua maioria, já pensaram em desistir em algum momento, e as mães, em sua maior parte, não pensaram em desistência. A possível desistência é expressa como o pior dos acontecimentos para quem persegue um desejo, mas, no relato onde já se conhece o desfecho, a desistência se menciona como o ponto de inflexão que acumulou as tensões do relato, da revivência dos fatos (REYES, 2019). Ou seja, as estudantes mães veem a graduação não como um simples diploma, e sim como uma oportunidade para obter uma melhor qualidade de vida. Assim, pensam menos em desistir do curso do que as que não são mães. Segundo o resultado do estudo de Gomes (2020), o mais difícil é exatamente conseguir conciliar o tempo de ser universitária e de ser mãe, e acabam por experimentar diversos desafios na conciliação da vida acadêmica com a materna;

persistência é o primeiro deles.

Dentre os principais motivos do pensamento de desistência do curso, as respondentes alegam falta de tempo, falta de motivação, família, doença física e/ou mental, sobrecarga de responsabilidade, conciliar serviço e faculdade, não residir na mesma cidade que a faculdade, estresse, falta de disposição e não se identificar com o curso. Isso foi confirmado por Santos (2021), ou seja, que conciliar vida profissional, maternidade, estudos e tarefas domésticas aumenta a carga de responsabilidade sobre as mulheres e, por consequência, elas podem apresentar adoecimentos emocionais e físicos (BERKMAN *et al.*, 2015; HATAM *et al.*, 2016, HIRT *et al.*, 2017; LIU *et al.*, 2015; OLIVEIRA *et al.*, 2017 *apud* SANTOS *et al.*, 2021).

Sobre a relação entre maternidade e vida acadêmica, 59,3% responderam que o fato de ter filhos dificulta a realização de atividades acadêmicas, 17,4% responderam que é possível conciliar a jornada de maternidade e estudo, 2,3% responderam que motiva a realização de atividades acadêmicas, e 20,9% não sabem opinar sobre (Tabela 8).

**Tabela 8 – Relação entre a maternidade e a vida acadêmica**

	Estudantes Mães (%)	Estudantes sem filhos (%)	Todas as estudantes (%)
O fato de ter filhos dificulta a realização de atividades acadêmicas	38,5	40,8	59,3
Motiva a realização de atividades acadêmicas	7,7	0	2,3
É possível conciliar a jornada de maternidade e estudo	46,1	17,8	17,4
Não sei opinar	7,7	23,4	20,9

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Foi possível perceber que a maioria das estudantes que não têm filhos assinalou “O fato de ter filhos dificulta a realização de atividades acadêmicas”, enquanto as que são mães marcaram que “É possível conciliar a jornada de maternidade e estudo”. Outro dado que também merece destaque foi que nenhuma (zero) estudante sem filhos acredita que a maternidade motiva a realização de atividades acadêmicas. Esses dados demonstram que, para as mulheres que não têm filhos, o filho é citado como um dificultador, enquanto para as mães, apesar de difícil, é possível a conciliação entre estudo e maternidade, também demonstrando o medo que a mulher moderna tem de se tornar mãe e não conseguir conciliar suas atividades acadêmicas com as outras. Em estudo de Aguiar *et al.* (2019), quando perguntadas sobre as renúncias que fazem para estar na universidade, as respostas das estudantes foram surpreendentes. A maioria citou que o medo mais recorrente era o de não conseguir harmonizar as atividades acadêmicas com as tarefas domiciliares e a maternidade. Conciliar faculdade com

maternidade é um tanto quanto complicado, e exige sacrifícios (GOMES, 2020).

De fato, conciliar todas as tarefas não é algo fácil, mas, como as próprias mães disseram, é possível. Para isso, são necessários muitos fatores, dentre eles, rede de apoio e renda, como citado acima. Há também a necessidade de políticas capazes de dar conta das necessidades específicas surgidas com a maternidade (SAALFELD, 2019). Tais políticas podem e devem ser ofertadas, inclusive, pela instituição de ensino, por exemplo, auxílios com alimentação, transporte e moradia que possam contribuir para a permanência dessas mães na vida acadêmica. Segundo Barros *et al.* (2021), é notória a escassez de políticas públicas que amparam a mãe universitária em sua permanência na universidade.

Após análise e discussão dos resultados, foi possível chegar às considerações finais, presente na próxima seção.

## **5 CONCLUSÕES**

As estudantes participantes da pesquisa são jovens, maioria de 19 a 25 anos, sendo a maior parte colaboradora em uma empresa. Grande parcela das respondentes tem renda de 1 a 3 salários-mínimos e divide as despesas com os demais familiares. Das 86 entrevistadas, 13 têm filhos, variando de 1 a 2 filhos. Contam com ajuda dos familiares para ficar com os filhos enquanto estudam.

A respeito da relação entre a maternidade e a vida acadêmica, foi possível concluir que a maioria das estudantes respondentes assinalou que o fato de ter filhos dificulta a realização de atividades acadêmicas; porém, as que já são mães responderam que é possível conciliar a jornada de maternidade e estudo, levando a entender que existe um certo medo na mulher atual de se tornar mãe e não conseguir conciliar suas atividades acadêmicas com a maternidade, deixando o sonho de ser mãe de lado ou postergando-o.

De fato, é possível conciliar a maternidade com as demais atividades; porém, para isso, são necessários alguns fatores. Dentre eles, encontram-se as redes de apoio, renda e políticas que auxiliem as mães, como auxílios com alimentação, transporte e moradia que possam contribuir para a permanência dessas mães na vida acadêmica e profissional.

Após análise dos resultados da pesquisa, compreendeu-se que, pela percepção das estudantes do Curso de Bacharelado em Administração de uma instituição de ensino federal, a maternidade afeta a vida acadêmica, seja pelas respostas apresentadas, vivências, seja na sala de aula ou no mercado de trabalho.

Finalmente, apesar da mudança da posição da mulher na sociedade e da resistência que



elas têm demonstrado no que se refere às relações cristalizadas de gênero, essas relações se metamorfoseiam e ainda permeiam tanto o mundo acadêmico, determinando, muitas vezes, as escolhas das mulheres. Então, é preciso que a sociedade e as mulheres, em especial, se atentem à reprodução das relações de gênero que, em essência, são relações de poder, e tentem romper este círculo vicioso.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, S. G. Mulher, mãe, dona de casa e esposa: dificuldades e superações para ingressar e permanecer na Universidade Pública. **Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 7, n. 7, p. 4935-4951, maio, 2019. Disponível em: <<http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/viewFile/8923/8578>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, SS; SABÓIA, VM; VIANA, VP Desafios entre vida acadêmica e amamentação: uma revisão sistemática. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 8. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17134>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

BARRETO, G. P. **A evolução histórica do Direito das mulheres**. Disponível em: <<https://gabipbarreto.jusbrasil.com.br/artigos/395863079/a-evolucao-historica-do-direito-das-mulheres>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

BATONI, B. R. *et al.* Dupla Jornada no imaginário de universitárias conforme a Psicologia Psicanalítica Concreta. **Psicologia Revista**, v. 30, n. 2, p. 261–282, 9 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbem/a/JPnBDFS6mrh7fkTdC3tGSqr/?format=html&lang=pt>>. Acesso em: 14 fev. 2022.

BRITO, Q. H. F. *et al.* Maternidade, paternidade e vida acadêmica: impactos e percepções de mães e pais estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 4, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbem/a/JPnBDFS6mrh7fkTdC3tGSqr/?format=html&lang=pt>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

COSTA. C. M. P. **As práticas de gestão de recursos humanos que conciliam a tripla jornada: a perspectiva dos trabalhadores estudantes do ensino superior**. Escola Superior de Ciências Empresariais. Setúbal, 2011. Disponível em: <[https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4341/1/Tese%20Mestrado%20\\_%20C%3a9li%20Costa.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4341/1/Tese%20Mestrado%20_%20C%3a9li%20Costa.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2021.

COSTA, F. A. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 6, p. 434–452, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15986>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

CYRIACO, A. F. F. *et al.* Pesquisa qualitativa: conceitos importantes e breve revisão de sua aplicação à geriatria/gerontologia. **Geriatrics, Gerontology and Aging**, v. 11, n. 1, p. 4–9, 2017.

DEDECCA, C. S.; RIBEIRO, C. S. M. DE F.; ISHII, F. H. Gênero e jornada de trabalho: análise das relações entre mercado de trabalho e família. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 7, n. 1, p. 65–90, jun. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/cswHtBM54kVcgFmNwrM9Mcd/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 14 fev. 2022.

FERRARI, M. **Mulheres predominam em estudos, pesquisas e exames**. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/mulheres-predominam-em-estudos-pesquisas-e-exames-educacionais>>. Acesso em: 27 dez. 2021.

FRANÇA, A. L.; SCHIMANSKI, E. **Mulher, trabalho e família**: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/687>>. Acesso em: 14 fev. 2022.

GOMES, B. Mulher, mãe e universitária: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica. **Ufpb.br**, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17638>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

GUEDES, T. *et al.* Uma nova perspectiva de satisfação da mulher atual: o desinteresse pela maternidade sob o olhar das mulheres de Teresina (1995-2018). **CRSG**, vol.2, n1, p.44-49, 2020. Disponível em: <<http://www.crsq.periodikos.com.br/article/5e920a430e88256f1c30ae99/pdf/crsq-2-1-44.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2021.

GUIGINSKI, J. T. Mercado de Trabalho e Relações de Gênero – associação entre a presença de filhos e as condições de acesso ao trabalho das mulheres. **UFMG/Cedeplar**. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FACE-AFSJEZ/1/disserta\\_\\_o\\_\\_vers\\_o\\_final.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FACE-AFSJEZ/1/disserta__o__vers_o_final.pdf)>. Acesso em: 25 fev. 2022.

HIRATA, H. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, n. 17-18, p. 139–156, 2002.

HIRATA, H. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. **Caderno CRH**, v. 24, n. spe1, p. 15–22, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/M4ycWQHC74JXtmXcfqNxTyy/?lang=pt>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA E GEOGRAFIA. **Metodologia do Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. v. 25. (Série Relatórios Metodológicos). Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=284173&view=detalhes>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

JULIÃO, H. V; DUTRA, N. H. Divisão sexual do trabalho: para além do gênero e do patriarcado. **Temporalis**. Brasília, ano 20, n. 40, p. 201-214, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/31523>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

LOUREIRO, C. M. P.; COSTA, I. S. A.; FREITAS, J. A. S. B. Trajetórias profissionais de mulheres executivas: qual o preço do sucesso? **Revista de Ciências da Administração**, v. 14, n. 33, p. 130-144, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2735/273523604011.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

MARQUES, B. M. **Conciliação da tripla jornada**: A percepção dos trabalhadores-estudantes do Instituto Politécnico de Setúbal. 2021. Disponível em: <[https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/38514/1/Dissertac%cc%a7a%cc%83o%20de%20Mestrado\\_versa%cc%83o%20final.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/38514/1/Dissertac%cc%a7a%cc%83o%20de%20Mestrado_versa%cc%83o%20final.pdf)>. Acesso em: 16 fev. 2022.

MARTINS, C. D. Mulher, mãe e universitária: os enfrentamentos e narrativas de acadêmicas do curso de pedagogia da FEOL. **Revista acadêmica FEOL**, v. 1, n. 17, p. 76–102, 2021. Disponível em: <<http://189.51.19.186:8081/Revista/index.php/R1/article/view/130>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

MANZATO, A. J.; SANTOS, A. B. **A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa**. Departamento de Ciência de Computação e Estatística – IBILCE – UNESP. 2012. Disponível em: <[http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/ensino\\_2012\\_1/elaboracao\\_questionarios\\_pesquisa\\_quantitativa.pdf](http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/ensino_2012_1/elaboracao_questionarios_pesquisa_quantitativa.pdf)>. Acesso em: 16 fev. 2022.

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, v. 5, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

OLIVEIRA, C. R; TRAESEL, E. S. Mulher, trabalho e vida familiar: a conciliação de diferentes papéis na atualidade. **Disciplinarum Scientia | Saúde**, v. 9, n. 1, p. 149–163, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/943>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

RASCHE, F. Papéis de gênero e sua influência na formação acadêmica de mulheres estudantes de biblioteconomia em Santa Catarina p. 77- 95. **Revista ACB**, v. 3, n. 3, p. 77–95, 1998. Disponível em: <<https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/330/391>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

RAYMUNDO, R. T. **Pesquisa Bibliográfica: significado e etapas de como fazer**. Dez. 2020. Disponível em: <<https://viacarreira.com/pesquisa-bibliografica/>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

REIS, N. V. **Maternidade e trabalho: análise semiótica de histórias de vida de estudantes da área de letras**. Disponível em: <<http://umbu.uft.edu.br/bitstream/11612/2449/1/Naiane%20Vieira%20dos%20Reis%20-%20Disserta%3a7%3a3o.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2021.

REYES, H. Mulheres acadêmicas e a arquitetura do discurso “conciliador”: entre a formação profissional e a família. **Unitau.br**, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.unitau.br/jspui/handle/20.500.11874/854>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

ROBECK, K. G. A mulher mãe no ambiente laboral: das conquistas históricas ao desafio da reinserção ao mercado de trabalho pós maternidade. **Unijuí – Universidade Regional Do Noroeste Do Estado Do Rio Grande Do Sul**; Ijuí, 2020. Disponível em:

<<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/6835>>. Acesso em: 15 out. 2021.

SAALFELD, T. Maternidade e vida acadêmica: limites e desafios das estudantes mães na Universidade Federal do Rio Grande - FURG. **Furg.br**, 2019. Disponível em:

<<http://repositorio.furg.br/handle/1/8568>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

SALGADO, D. G. Qualidade de vida de mulheres com tripla jornada: mães, estudantes e profissionais. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 4, n. 8, p. 308–320, 2019. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/18657>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

SANTOS, É. P. **A colocação da mulher no mercado de trabalho: análise histórica e atual.**

Centro Universitário Antônio Eufrásio De Toledo De Presidente Prudente. 2021. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/Direito/article/view/8879>>. Acesso em: 14 out. 2021.

SASS, O. Sobre os conceitos de censo e amostragem em educação, no Brasil. **Estatística e Sociedade**, v. 0, n. 2, 2012. Disponível em:

<<https://www.seer.ufrgs.br/estatisticaesociedade/article/view/34902/23645>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

SILVA, A. G.; OLIVEIRA, L.H. Conciliando a realização pessoal, o trabalho e a família: um estudo com mulheres do interior do rio grande do sul. **Revista Psicologia em Foco**, v. 6, n. 8, p. 3–21, 2014. Disponível em:

<<http://revista.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/1570>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

SILVA, B. A. Por detrás dos sorrisos: o impacto da violência doméstica e familiar na vida acadêmica das estudantes da UFPR Litoral. **Ufpr.br**, 2019. Disponível em:

<<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/66655>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

SILVA, K. E. V. A representatividade das mulheres na gestão acadêmica da Universidade Federal de Pernambuco. **Ufpe.br**, 2018. Disponível em:

<<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/30649>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

SOUZA, A. R. M. *et al.* Implicações da maternidade no mercado de trabalho da mulher.

**Revista Esfera Acadêmica Humanas**, vol. 4, nº 2, 2019. Disponível em:

<<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/revista-esfera-humanas-v04-n02-artigo02.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

TAQUETTE, S. R. BORGES, L. **Pesquisa qualitativa para todos.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes Ltda, 2020. Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=0EwnEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=PESQUISA+QUALITATIVA+&ots=bD8MBOndR3&sig=RtO8M5uJ5RGpGKohXJ7hoUwbK4Y#v=onepage&q=PESQUISA%20QUALITATIVA&f=false>>. Acesso em: 27 jun. 2021.